



# CRÔNICA, O GÊNERO. ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO, O PÓS- HUMANO NAS NARRATIVAS DE JUAN JOSÉ MILLÁS

*Fabricio da Silva de Oliveira*

*Orientadora: Livia Reis de Freitas Teixeira*

*Mestrando*

**RESUMO:** Os avanços científicos e tecnológicos que vêm modificando cada vez mais os corpos, os saberes e as relações humanas são conseqüências do processo de individualização do homem intensificado no decorrer dos séculos. Apesar de já não ser novidade a presença da ciência e tecnologia como temática literária desde quando criou Mary Shelley o monstro de Frankstein, considerado o primeiro personagem da ficção científica narrativa, o escritor espanhol Juan José Millás, em suas crônicas publicadas no jornal e também em livro, propõe-se a (sobr)escrever (Julio Ramos), como uma espécie de divulgador científico, sobre o fenômeno pós-humano (Le Breton, Santaella) presente nas notícias e nos artigos lidos nas outras partes do jornal. No entanto, como ficcionista, não deixa de lado a criatividade, entrando no que podemos chamar de literatura fantástica contemporânea ou o fantástico da literatura em suas discussões sobre o fenômeno em questão, neste gênero fronteiro entre a realidade e a ficção, entre o jornal e a literatura que é a crônica. Além do mais, nas crônicas de *Cuerpo y prótesis* (2009), podemos pensar que os vocábulos que compõem o título do livro, “cuerpo” y “prótesis”, são metáforas da relação do autor com a escrita tecnológica do eu (Foucault), já que confessa Millás, senti-la, às vezes, como uma prótese sua e outras como ele próprio sendo uma prolongação artificial dela. Esta investigação se centra, assim, na análise da presença do fenômeno pós-humano nas crônicas selecionadas, e, também, no aparecimento do monstro como metáfora do mal-estar do contexto histórico social de produção destas narrativas. Além disso, nota-se que uma certa tradição barroca reaparece nas obras manifestada no uso excessivo, isto é, distorcido da linguagem, nos estranhamentos, na cisão homem/corpo e no sentimento de (des)concerto do homem para com a vida e a ciência. Tomamos como noções críticas centrais o gênero crônica e o pós-humano (Julio Ramos, Andrés-Suárez, Moisés, Le Breton, Santaella).

**PALAVRAS-CHAVE:** Crônica, Pós-humano, Sujeito enunciativo, Fantástico



## Apresentação

A crônica é um dos gêneros que mais vem despertando atenção na atualidade. O hibridismo que apresenta e a vitalidade na época atual justificam o seu estudo, embora muitos críticos ainda considerem o gênero como menor. Hoje, entre o jornal e a literatura, a crônica se define por ser um comentário, uma reflexão, por parte do autor que a escreve, dos acontecimentos da sociedade, dos temas atuais.

Levando isto em consideração, o objetivo deste artigo é discutir como o escritor espanhol Juan José Millás escreve e reflete sobre os avanços científicos e tecnológicos nas suas crônicas. Um dos grandes temas da sociedade atual é a maneira como a revolução científico-tecnológica modificou e vem modificando os corpos, os saberes e as relações humanas. O corpo modificado pela ciência-tecnologia, o que em Antropologia se conhece como “pós-humano” é o assunto principal do último capítulo do livro de crônicas *Cuerpo y prótesis* (2009), de Juan José Millás, e também de muitas crônicas publicadas no jornal *El país*, onde possui uma coluna.

Juan José Millás ou Juanjo, como assim é chamado pelos mais íntimos, é um romancista e cronista espanhol. Considerado pela crítica como um dos maiores da literatura espanhola contemporânea, Millás nasceu em Valência, no ano de 1946. Em 1952, mudou-se para Madri onde viveu a maior parte de sua vida. Quando jovem, ingressou na faculdade de Filosofia e Letras, porém abandonou no terceiro ano. Após isto, passou a trabalhar no setor administrativo e mais tarde passou a se dedicar apenas à escrita.

O filho do meio, o quarto, de uma família pobre composta por nove filhos, já escreveu no decorrer de sua vida 18 romances, 12 livros de crônicas e três livros de contos. Dentre as obras, as que tiveram mais êxito são: *Cerberos son las sombras* (Prêmio Sésamo, 1975), *Papel mojado* (1983), *La soledad era esto* (1990) e *El mundo* (Prêmio Planeta e Prêmio Nacional de Narrativa 2007), que junto a *Visión del ahogado* (1977), *El jardín vacío* (1981), *Letra muerta* (1983), *El desorden de tu nombre* (1986), *La soledad era esto* (Prêmio Nadal, 1990), *Volver a casa* (1990), *Tonto, muerto, bastardo e invisible* (1995), *El orden alfabético* (1998), *No mires debajo de la cama* (1999), *Dos mujeres en Praga* (Prêmio primavera de Novela, 2002), *Laura y Julio* (2006), *Lo que sé de los hombrecillos* (2010) e *Mujer Loca* (2014) levaram o escritor a conquistar além de prêmios literários, dos títulos de *doutor honoris causa* e a ter sua obra narrativa traduzida para 23 idiomas.

## Análise das crônicas

Para este artigo, seis crônicas foram selecionadas do livro *Cuerpo y prótesis* (2009), são elas: “Verano 6”, “Primer amor”, “Un ruido”, “La mano tonta”, “¿De donde?” e “Cuerpo y prótesis”. A partir de nossas análises, notamos que nestas crônicas, Millás constrói um sujeito ficcionalizado em sua própria figura, isto é, autoficcionalizado. Não apenas nestas crônicas, mas na maioria de suas produções, um “eu” assume a enunciação, - o que é típico do gênero, o foco narrativo na primeira pessoa, segundo Massaud Moisés -, e como uma espécie de divulgador científico, crítico da sociedade, comenta sobre os temas atuais e, conseqüentemente, sobre o fenômeno dos pós-humano (David Le Breton, Lucia Santella). Além disso, em alguns desses textos, verificamos a presença de dados autobiográficos do escritor. Inclusive, também em outras crônicas, não só nas selecionadas para esta apresentação, Millás parte, como sinaliza Andrés-Suárez, de um acontecimento familiar ou de algo relacionado à vida do narrador para se centrar numa situação que afeta ao gênero humano. A primeira pessoa é assumida já no prólogo do livro, espaço no qual o escritor reflete sobre a criação da obra e a sua relação com a escrita.

Na crônica “Verano 6”, o narrador-protagonista nos consta o sonho que teve após tirar uma cesta. Neste sonho, o cronista diz que aconteceu uma catástrofe no mundo onde apenas ele, desfigurado, incorpóreo e a sua perna existiam. O narrador nos relata a felicidade de sua perna por estar livre, por não ser mais controlada e poder ter vida própria enquanto ele sentia que algo lhe faltava, até pedir à sua perna permissão para se instalar nela novamente. Em “Verano 6”, deparamo-nos com a concepção moderna de homem e corpo, discutida por David Le Breton e Lucia Santaella em suas pesquisas. A fragmentação, o corpo como posse, marca a forma como o homem se entende na sociedade contemporânea.

Em “Primer amor”, o escritor espanhol escreve sobre o corpo fazendo alusão, agora, a *El mundo*, romance de caráter autobiográfico escrito em 2007 e publicado, em nosso país, dois anos depois pela editora Planeta do Brasil. Nesta crônica, o narrador-protagonista nos conta que quando menino o seu primeiro amor não foi a sua primeira namorada, mas o braço de madeira que ela carregava no corpo, a sua prótese. Nesta volta ao passado, de rememoração da infância e adolescência, o narrador realiza uma espécie de previsão, um

anúncio da relação de apego, desejo, da inclinação do homem para a prótese, para a máquina, para os avanços científicos e tecnológicos no futuro.

Já as crônicas “Un ruido”, “La mano tonta” e “¿De dónde?” fazem uma trilogia que trata do transplante de mão de um cadáver em um senhor manco. No início da crônica “Un ruido”, o narrador, em primeira pessoa assim como na maioria de suas produções, expressa o seu repúdio, o sentimento de assombro, o seu escândalo perante este transplante que para ele não se trata de um avanço médico, mas de um barulho, de uma onomatopéia, de algo que não pode ser real. Nas crônicas seguintes desta trilogia, o narrador segue criticando de maneira irônica e burlesca os avanços desta mão artificial transplantada que chega a ter vida própria, isto é, chega a realizar os seus próprios movimentos sem nenhum comando. Diante disto, é interessante observar o novo discurso deste narrador, já que se em “Primer amor” a prótese era objeto amado, de adoração, nesta trilogia é causadora de espanto e repúdio.

A última crônica do livro, “Cuerpo y prótesis” que inspirou Juan José Millás a nomear o livro desta forma, é uma reflexão em seis páginas sobre o corpo. Defendendo com muitos argumentos a sua visão sobre o mesmo, para o narrador, o corpo não passa apenas de uma ferramenta, de um objeto que nós, indivíduos, realidades concretas, utilizamos para nos locomover e fazer atividades. Além de objeto, o corpo é também para o cronista uma representação do real. Segundo o narrador, ele é limitado, impuro, estranho e nos impede de constatar toda a realidade, estando de acordo, assim, Millás, com as discussões sobre o pós-humano traçadas por David Le Breton, Lucia Santaella e Robert Pepperell.

Neste contexto, analisamos especialmente a presença do fantástico diante do escândalo e espanto presentes no discurso do narrador, diante dos incontroláveis avanços científicos e tecnológicos. Como ficcionista, Juan José Millás não deixa de lado a criatividade, entrando no que podemos chamar de fantástico contemporâneo, segundo os estudos de Sartre, que já não se centra no sobrenatural representado por fantasmas e monstros, mas no que acontece de insólito, de raro ou incomum em nossa realidade, como esta mão transplantada que tem vida própria.

Além disso, notamos também a aparição do monstro na sensação de mal-estar, no sentimento de medo causado pelos avanços desacelerados da ciência e tecnologia que vem modificando não só os corpos e os saberes, mas também as relações humanas. No entanto, é importante destacar que o que aterroriza é o que também em outros momentos, ao narrador encanta, chamando atenção para o conflito em que o homem contemporâneo se encontra.



A presença do monstro, do narrador que se encontra em conflito, dividido entre o assombro e o encantamento estão de acordo com a recriação da estética conceptista barroca encontrada na escrita de Millás. As crônicas escolhidas apresentam uma linguagem simples, fluente e pouca rebuscada, até porque se dirige ao público em geral, que apesar de distantes do conceptismo quevediano compartilham os diversos recursos literários como a metáfora, a hipérbole, os contrastes, o grotesco, a ironia, o humor, o engenho e o desmembramento das partes.

Podemos pensar que o barroco aparece também na concepção da criação do livro, já que as palavras que compõem o título da obra “cuerpo” e “prótesis” são metáforas da relação do autor com a escrita tecnológica do eu, já que confessa Millás senti-la, às vezes, como uma prótese sua e outras como ele próprio sendo uma prolongação artificial dela. Não se pode deixar de comentar que corpo e prótese podem ser entendidos também como metáfora do corpo contemporâneo, pois como sinaliza o narrador na frase final da penúltima crônica do livro: “todos nós estamos um pouco transplantados, mas precisamos saber onde.”

## REFERÊNCIAS

ANDRÉS-SUÁREZ, Irene. Columna de opinión, microrrelato y articulo: Relaciones transgénicas in: *Insula: revista de letras y ciencias humanas*, ISSN 0020-4536, N° 703-704, 2005, págs. 25-28.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: *Para gostar de ler: crônicas*. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003. Disponível em: <http://grad.letras.ufmg.br/arquivos/monitoria/Antonio%20Candido%20A%20VIDA%20AO%20R%C3%89S%20DO%20CH%C3%83O.pdf>. Acesso em: 20 de dez. de 2017.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. vol. 6, Parte III – Relações e Perspectivas. Codireção Eduardo de Faria Coutinho. 4. ed. São Paulo: Global, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos V. Ética, sexualidade, política*. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GIL GONZÁLEZ, Juan Carlos. La crónica periodística. Evolución, desarrollo y nueva perspectiva: viaje desde la historia al periodismo interpretativo. *Global Media Journal Edición Iberoamericana*, vol. 1, n. 1, pp. 26-39, 2004.



GONZÁLEZ, Aníbal. *La crónica modernista hispanoamericana*. Madrid: José Porrúa Turanzas, 1983.

GUEDES, Maria Estela & MOURÃO, José Augusto (2003) – A Norma e o Monstro, exposição de teratologia. Disponível em: [http://triplov.com/monstros/monstr\\_index.html](http://triplov.com/monstros/monstr_index.html). Acesso em: 22 mar. 2018.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 3. Ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*/ David Le Breton; tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. - 4ª ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

\_\_\_\_\_. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade* / David Le Breton; tradução de Marina Appenzeller. - 6ª ed. - Campinas, SP: Papyrus, 2013.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MARAVALL, José Antonio. *La cultura del Barroco*— 11.ª ed. – Barcelona: Ariel, 2008.

MILLÁS, Juan José. *Cuerpo y prótesis*. 2000. De esta edición: 2009, Santillana Ediciones Generales, S.L.

\_\_\_\_\_. *O mundo* / Juan José Millás; tradução de Marcelo Barbão. – São Paulo: 37 Editora Planeta do Brasil, 2009.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: Prosa II*. 15. ed. revista e atualizada. São Paulo: Cultrix, 1997, 258.

RAMOS, Julio. *Desencuentros de la modernidad en América Latina*. Literatura y política en el siglo XIX. Caracas: Fundación Editorial El perro y la rana, 2009

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1992.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura* / Lucia Santaella; [coordenação Valdir José de Castro]. – São Paulo: Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. “Pós-humano – Por quê?” *REVISTA USP*, São Paulo, n.74, p. 126137, junho/agosto 2007.

SARTRE, Jean Paul. *Situações I – críticas literárias*. Tradução de Cistina Prado. São Paulo, Editora Cosac Naif, 312p.